

O Brasil precisa do SUS: uma campanha pela vida

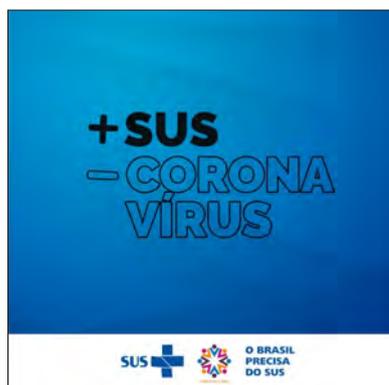
“O SUS é simplesmente o maior serviço de saúde pública do mundo. Isso não é ufanismo, não é patriotada”, diz o compositor Chico Buarque de Hollanda em um vídeo de pouco mais de meio minuto que começou a circular nas redes sociais em dezembro (15/12). A peça é parte de uma campanha de apoio ao Sistema Único de Saúde e reúne várias personalidades de áreas distintas em depoimentos que relembram a importância do serviço público, universal e gratuito que atende mais de 200 milhões de pessoas no país e que, em tempos de pandemia do novo coronavírus, tem servido de exemplo para o mundo. Na opinião do compositor, o SUS pode e deve ser melhorado — nunca sacrificado. Em outro vídeo, o jornalista e cronista esportivo Juca Kfourri ressalta essa conquista do povo brasileiro e lembra que, não fosse pelo SUS, a pandemia teria causado ainda mais estragos diante da “irresponsabilidade das maiores autoridades do país”.

Intitulada acertadamente “O Brasil precisa do SUS”, a campanha é uma iniciativa da Frente pela Vida, que reúne organizações de saúde, ciência e tecnologia, comunicação, educação e da sociedade civil. Em carta, que lembra o tamanho da crise sanitária e as milhares de mortes por covid-19 no Brasil, elas ressaltam que a desigualdade social serviu de terreno fértil para o vírus no país. “Ações relevantes de enfrentamento, que deveriam ter sido lideradas pelo governo federal, foram sabotadas pelo presidente Jair Bolsonaro”, assinalam as entidades no documento, pontuando a ausência de coordenação nacional, os testes armazenados sem uso e os recursos financeiros retidos como exemplos de uma desorientação propositada que tem alimentado as mais altas taxas de mortalidade e letalidade da covid-19 nas Américas, só comparáveis às de Estados Unidos, Peru e Chile.

Na edição de dezembro (*Radis* 219), *Radis* fez coro com a campanha e em sua reportagem de capa sobre

os 30 anos de regulamentação do SUS, demonstrou por que, a despeito dos contextos adversos, o nível de confiança da população com o nosso sistema de saúde nunca foi tão alto [Leia em “A maior torcida do Brasil”, no site da revista]. À Rede Brasil Atual, a presidente do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (Cebes) e pesquisadora da Fiocruz, Lúcia Souto, disse que a mobilização é uma resposta à sociedade que percebeu, durante a pandemia, “a qualidade e a excelência do SUS apesar das tentativas de desqualificar a saúde pública”. Mas é principalmente uma mobilização para reverter o quadro de desfinanciamento do SUS que segue sem investimentos necessários desde a promulgação da Emenda Constitucional (EC) 95 do Teto de Gastos, de 2016.

Para que siga firme no combate à pandemia, defenda a Frente pela Vida, o SUS precisa de recursos humanos, materiais e financeiros. “Precisa de coordenação uniforme, nacional, articulada, e medidas de segurança sanitária. Precisa de orçamento adequado”, argumenta. No entanto, de acordo com a previsão orçamentária para 2021, o SUS corre o risco de perder R\$ 40 bilhões. No ato político (15/12) transmitido virtualmente que marcou o lançamento da campanha e teve duração de mais de três horas, os participantes foram unânimes em declarar que a mobilização pretende lutar para reverter o quadro de desfinanciamento e pressionar o Congresso contra os cortes. Na ocasião, também foi feita a entrega de uma petição pública do Conselho Nacional de Saúde (CNS) exigindo a manutenção do piso emergencial da Saúde no orçamento do SUS em pelo menos R\$ 168 bilhões. [No site da Frente pela Vida, você pode baixar materiais e assistir aos vídeos da campanha, além de acompanhar a agenda e outras iniciativas da Frente: <https://frentepelavida.org.br/>]





REPRODUÇÃO

À espera da vacina

Enquanto cerca de 50 países do mundo já iniciaram a vacinação contra o novo coronavírus até o último dia de 2020, o Brasil começou 2021 sem uma data concreta para dar início à imunização de sua população. O Plano nacional de operacionalização da vacina contra a covid-19 foi lançado pelo governo federal, em 16/12, e recebeu críticas por não incluir datas, nem esclarecer como se dará a logística da distribuição e qual imunizante será usado para vacinar grupos prioritários e o restante da população brasileira. O Ministério da Saúde alegou que não daria para estabelecer datas para começar a vacinação já que nenhuma vacina tinha recebido autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) até então. O ministro, general Eduardo Pazuello, questionou ainda a expectativa da população em torno do imunizante: “Para que essa ansiedade, essa angústia?”, disse, como noticiou o site da BBC Brasil (16/12).

Cada um por si

Depois que o governador de São Paulo, João Doria, prometeu vacinar os paulistas com a CoronaVac, a partir de 25/1, outros estados e municípios entraram na disputa. O Nexo Jornal (12/12) lembrou que a lei nº 6.259, de 1975, determina que o governo federal é quem deve centralizar a vacinação. “Em tese, o governo deveria barrar os estados que estão criando planos de vacinação por conta própria”, ressaltou Gonzalo Vecina na matéria, ex-presidente da Anvisa e professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

Quatro fases

O plano prevê quatro fases e as pessoas receberão duas doses com intervalo de 14 dias. Na fase 1, serão vacinados trabalhadores da saúde, idosos com mais de 75 anos ou com mais de 60 que vivam em instituições de longa permanência e indígenas. A segunda fase vai contemplar pessoas que têm de 60 a 74 anos em qualquer situação. A fase 3 deve contemplar pessoas com comorbidades (diabetes, hipertensão arterial grave, doenças pulmonares crônicas, doenças renais e do coração), quem recebeu transplante de órgão, com anemia falciforme, câncer e obesidade grave. No último grupo, estão professores, profissionais de segurança e funcionários do sistema prisional e população privada de liberdade, quilombolas, pessoas com deficiência e em situação de rua.

Contra o tempo

Na corrida para antecipar a vacinação no país, a Fiocruz anunciou (3/1) a estratégia de importar dois milhões de doses já prontas, produzidas na Índia, da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford e pela empresa AstraZeneca. Esse imunizante será produzido também no país pela própria Fiocruz, após a chegada do Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA), o que está previsto para janeiro. Com isso, a fundação pretende entregar o primeiro lote do produto entre 8 e 12 de fevereiro. O pedido de registro definitivo do imunizante será feito à Anvisa em 15/1. Até julho de 2021, a instituição entregará 110,4 milhões de doses.

No total, o Brasil deve receber 150 milhões de doses de vacinas contra covid-19 no primeiro semestre de 2021, somando os imunizantes da AstraZeneca/Fiocruz, Sinovac/Butantan e Pfizer/BioNTech, segundo o secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Arnaldo Medeiros, ao UOL (23/12). A previsão pode mudar a partir do avanço de negociações do governo. O governo do estado de São Paulo divulgou (4/1) que o Butantan pretende pedir o uso emergencial da Coronavac à Anvisa ainda na primeira semana de janeiro.



Ciência feminina

“Depois da peste do século 14, veio o Renascimento. Que sejamos capazes de um pequeno renascimento. Precisamos sair disso convencidos de que a ciência tem que servir para melhorar as relações humanas.”

De Margareth Dalcolmo, pneumologista da Fiocruz que recebeu o título de “Mulher do ano” pelo jornal O Globo (27/12). Na mesma edição, o colunista Ancelmo Góis destacou Nísia Trindade Lima, presidente da Fiocruz, e Dalcolmo entre as mulheres que se destacaram em 2020.

Atropelo

O Supremo Tribunal Federal (STF) e o Superior Tribunal de Justiça (STJ) consultaram a Fiocruz sobre a possibilidade de “reservar” doses para imunizar seus ministros, servidores e colaboradores, como noticiou O Estado de S. Paulo (22/12). A Fundação negou ambos os pedidos informando que a produção será destinada ao MS e alegou “não caber a ela atender a qualquer demanda específica”.

Sem estratégia

A resposta do Ministério da Saúde contra a covid-19 evidencia “a ausência de uma estratégia federal minimamente detalhada para combater os efeitos da pandemia”. A avaliação é do quarto relatório do Tribunal de Contas da União (TCU), elaborado pela Secretaria de Controle Externo do TCU e aprovado por unanimidade em dezembro. Para o TCU, erros de planejamento ficam claros com a falta de equipamentos de proteção individual, respiradores e kits de testes. O relatório cita questões como a aquisição de seringas para a vacinação, com risco de descompasso no cronograma de fornecimento, e falta de clareza da quantidade de material que pode ser necessária para abastecer estados e municípios. Outros pontos são o atraso na entrega de máscaras e a existência de respiradores parados nos depósitos do MS.

Estratégia coletiva

A publicação de Ethel Maciel, epidemiologista e professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no Twitter (4/1), chama atenção para o fato de que a vacina deve ser encarada como bem público coletivo. Em dezembro, Ethel foi uma dos 36 cientistas que contestaram a inclusão de seus nomes na versão prévia do Plano de Vacinação apresentado pelo Ministério da Saúde ao Supremo. Em nota (12/12), os pesquisadores disseram que não tiveram acesso ao documento final. Também manifestaram preocupação pela retirada de grupos prioritários e pela não inclusão de todas as vacinas disponíveis.



Ethel Maciel, PhD - VACINA JÁ ... - 10h

Vacina não é remédio. Vacinação é estratégia coletiva. Se você comprar e se vacinar e todo seu entorno não vacinar, o vírus pode fazer uma mutação e sua vacina não servir para nada. Dinheiro jogado fora. Sabe por que a OMS trabalha para que todos os países se vacinem?

147 11,2K 45,9K



Ethel Maciel, PhD - VACINA JÁ ... - 10h

Porque se alguém em algum lugar ficar sem vacinação, e o vírus fizer uma mudança em sua estrutura, todo o esforço será perdido. Repetindo para que todos entendam: Vacina é estratégia coletiva. Precisamos do maior número em todos os lugares vacinados. Imunidade coletiva.

8 1,650 11,3K



Ethel Maciel, PhD - VACINA JÁ ... - 10h

Nossa briga deve ser acesso universal as vacinas e não “eu tenho dinheiro e posso pagar para me salvar. Ninguém se salva sozinho se não salvar todos. Essa é a lição do vírus, ou entendemos, ou afundamos juntos.